

PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO ENTRE ADULTOS E CRIANÇAS E ENTRE AS PRÓPRIAS CRIANÇAS NO INTERIOR DA CRECHE⁽¹⁾

Altino José Martins Filho

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Este estudo diz respeito a uma pesquisa na área da educação infantil, cujo objetivo principal foi descrever, analisar e interpretar as dinâmicas das relações que adultos e crianças estabelecem entre si nos espaços/tempos em que convivem no interior de uma creche. A fim de captar as dinâmicas das relações sociais dessa creche, foi utilizada uma metodologia de orientação etnográfica e recursos de registros escritos e fotográficos. Com a finalidade de ampliar o olhar sobre aquela realidade social efetuou-se um estudo socioespacial da creche e das duas categorias de atores (adultos/crianças) nela envolvidos. Buscando o apoio da sociologia da infância dirigiu-se o foco da análise para as relações travadas no interior da creche entre adultos e crianças e estas entre si, como atores sociais ativos nos processos de socialização. Pelas categorias de análise elaboradas para tal fim, pôde-se perceber que tanto nas relações de conflito e tensão como nas de maior harmonia adultos e crianças produzem representações simbólicas a respeito do mundo com o qual interagem e, no caso das crianças, a elaboração das culturas infantis.

Palavras-chave: Educação infantil; Socialização; Culturas infantis.

Abstract

This paper is based in a research in the early childhood education area and its main goal was to describe, analyze, and interpret the dynamics of the relationships that adults and children establish in the spaces where they interact inside a daycare. In order to capture the dynamics of the social relationships of this daycare, a methodology of ethnographic inspiration was used and written and photographic material was produced in the observations. Aiming at broadening the examination of that social reality, a socio-spatial study of the daycare facilities and of the adults and children involved in that school was carried out. Using the framework of the sociology of childhood, we focused on analyses of the relationships inside the daycare between adults and children and these to each other, as active social actors in the processes of socialization. By the analysis categories constructed for such end, it was possible to conclude that both in the conflict and tension relationships and in the ones that seemed more harmonic, adults and children produced symbolic representation regarding the world with which they interact and, in the case of the children, the elaboration of childhood cultures.

Key Words: Early childhood education; socialization; childhood cultures.

1. Considerações Iniciais

Venho socializar neste texto parte dos resultados de uma pesquisa realizada no curso de mestrado numa instituição de atendimento à infância de 0 a 6 anos da rede pública de ensino de uma cidade litorânea da região sul do Brasil. Tal estudo apresenta uma reflexão centrada nas dinâmicas das relações sociais estabelecidas entre crianças e adultos e entre as próprias crianças. O objetivo principal foi descrever, analisar e interpretar as dinâmicas das relações que adultos e crianças estabelecem entre si nos espaços/tempos em que convivem no interior das instituições de educação infantil. O pressuposto, é que adultos e crianças atuam cotidianamente como atores sociais que se humanizam, inclusive por meio de vivências e experiências no contexto educacional.

No desenvolvimento da pesquisa de campo busquei analisar as relações sociais que as crianças estabelecem umas com as outras, tomando como referência uma lógica peculiar às *produções/reproduções das culturas infantis* conforme elaborada por Sarmiento (1997, 2004) e Ferreira (2002; 2004). Sarmiento e outros autores definem como tal, as manifestações, representações, crenças e a capacidade de produção simbólica por parte das crianças, sejam originadas do mundo adulto ou criados e transformados no próprio grupo de crianças. A tentativa foi focar os processos de socialização entre as crianças como forma de perceber, seus estilos de vida, suas regras e estratégias, seus referentes simbólicos e modos de apreensão do mundo em busca de compreender a complexidade da infância em suas características mais intrínsecas e peculiares.

Uma outra expectativa que desenvolvi em relação ao exame do material empírico coletado é debater os papéis, as interferências e as relações dos adultos nos processos de socialização com as crianças. As relações dos adultos frente ao grupo de crianças foram se evidenciando e se destacando com o algo a ser apreendido e analisado, para poder compreender as relações que as crianças estabelecem com seus pares; já que de posse do material empírico fui percebendo que a produção das culturas infantis está associada ao universo cultural mais amplo, dos condicionamentos e das “múltiplas determinações”, são assim, expressões de uma totalidade maior.

No estudo dos processos de socialização da creche, procurei elucidar as discussões tecidas em torno da construção, difusão e consolidação da pedagogia da infância. Assim, busquei os debates em defesa da categoria infância como um tempo de direitos, no esforço de conceber as meninas e os meninos como “seres concretos e contextualizados” (SARMENTO & PINTO, 1997).

Na seqüência, este artigo apresentará sucintamente alguns delineamentos da perspectiva metodológica, relatando os caminhos trilháveis. No terceiro momento, trago apontamentos a partir de uma das categorias identificadas na pesquisa de campo; com algumas considerações conclusivas, visando contribuir na problematização dos processos de socialização no contexto da creche.

2. Trajetórias metodológicas da pesquisa

O caminho metodológico escolhido para ser trilhado neste trabalho é de caráter interpretativo e qualitativo, caracterizando-se como um estudo de caso com orientação etnográfica.

A contribuição da etnografia diz respeito à relativização do universo estudado, problematizando e comparando a diferença entre modos de vida, descobrindo o arbitrário e o particular, des-naturalizando os comportamentos e desvendando os princípios subjacentes (Dauster, 1989, p.3). Portanto, dentro do caso estudado, a etnografia impõe uma orientação do *olhar* investigativo para os símbolos, as interpretações, as crenças e valores relativos à vertente cultural da dinâmica da ação humana que ocorre nos contextos pesquisados.

Assim, com base nas observações e nos registros etnográficos elaborei um quadro que mostrasse a regularidade dos diversos relacionamentos estabelecidos entre adultos e crianças e entre as próprias crianças. Deste quadro geral, procurei destacar algumas categorias analíticas que permitissem interpretar e contextualizar os processos de socialização na creche, com intuito de “apreender a situação e descrever a complexidade” (GOLDENBERG, 2003, p.34).

O período de observação foi estruturado em dois momentos distintos: entre outubro e dezembro de 2003, e março e julho de 2004, totalizando oito meses para a coleta de dados. Na primeira etapa optei em ficar circulando por todo o ambiente da creche, acompanhei e registrei as atividades que adultos e crianças estavam envolvidos. Nesses primeiros contatos com a empiria e durante todo o tempo em que elaborei o estudo, elegi o caderno de campo como companheiro inseparável. Nele registrava tudo: as falas, relações travadas, expressões, questões trazidas sobre o meu tema pelos/as professores/as, etc. As observações, portanto, permitiram um acompanhamento mais minucioso e prolongado das situações onde os sujeitos estavam envolvidos e o registro dessas observações era sempre escrito imediatamente a minha estada na creche. Esses registros foram fundamentais para a construção das categorias que emergiram na pesquisa.

Desse primeiro mergulho no cotidiano foi possível perceber que não daria continuidade à observação e ao registro de todos os momentos das crianças e dos adultos, pois tal tarefa foi considerada como algo quase impossível de realizar. Constatei que não seria possível observar todas as relações que são travadas na dinâmica realidade de uma creche. Assim, optei por estabelecer alguns critérios para conduzir as observações no segundo momento de entrada no campo. Decidi então, me fixar mais atentamente em um único grupo de crianças e seus respectivos professores, seja na sala de referência ou no espaço do parque.

3. Práticas de socialização entre adultos e crianças e estas entre si no interior da creche: o que não é permitido pode sofrer transgressão?

Para compreender os processos de socialização engendrados na creche busquei apoio nos sociólogos da infância, para os quais “as relações sociais estabelecidas entre os atores

são a matriz do desenvolvimento do ser humano” (SARMENTO, 1997; FERREIRA, 2002, 2004; JAMES E PROUT, 2004).

Ferreira (2004, p.59) entende que o exame das relações sociais das crianças no grupo de pares, “implica, desde logo, reafirmar o pressuposto interacionista de que os objetos, pessoas, situações e acontecimentos não têm qualquer significado só por si senão quando este é partilhado socialmente na interação que os indivíduos estabelecem”. A referida autora proclama que as crianças ao se relacionarem e interagirem com os outros sujeitos vão, aos poucos, descobrindo que os seres humanos são distintos; que cada um tem um modo próprio de ser, pensar, sentir e estar no mundo. É socializando-se com os *Outros* que as crianças vão descobrindo as próprias especificidades, como também as especificidades dos que com ela convivem. Assim, a construção da visão de mundo efetuada pela criança se faz com o auxílio dos elementos produzidos por sua contínua relação social com os pares e com os adultos, em contextos sociais que vão se interpondo. Neste caso, o processo de socialização não consiste só em uma constante adaptação das crianças ao universo social, mas também, elas exercem um papel atuante na dinâmica da constituição deste universo.

É importante inferir que os estudos sociais da infância, apontam para a necessidade de se rever o conceito de socialização, os quais vêm colocando as crianças como alguém com modos próprios de ser e pôr-se no mundo, o que as difere dos adultos. Nesse sentido, o conceito de socialização pelos sociólogos da infância supera a compreensão difundida pelas correntes clássicas, predominantemente pelas linhas funcionalistas e deterministas, de reprodutora da sociedade, por meio de duas das mais importantes institucionalizações – a família e a escola. Na lógica dessas duas correntes, a socialização aparece, então, como processo de transmissão de experiência e de conhecimento, no qual os adultos são considerados os únicos responsáveis em desenvolver nas crianças o “ser social”. Essa é também a definição encontrada nos estudos do filósofo e cientista social Émile Durkheim. Para o autor, às crianças caberia simplesmente observar as regras sociais que lhes são transmitidas e reproduzi-las (1984, p. 41). Os sociólogos da infância apoiados em uma sociologia interpretativa enfatizam mais a produção da vida social pelos indivíduos do que a produção dos comportamentos pelas estruturas sociais.

Assim, concordo com Dubar (1997, p.79), no sentido de que não se pode aceitar o postulado de que cada indivíduo procura adaptar-se à cultura do grupo e reproduzir as “tradições” culturais ou otimizar as riquezas e as posições de poder segundo o tipo de sociedade única, pois, como diz o autor, constitui em gerir uma dualidade irreductível (Grifos do autor). Dubar expressa, com perspicácia, aquilo por mim considerado como um novo olhar sobre a infância, seus processos de socialização, suas marcas culturais e suas características peculiaridades. Pois observa, que os estudos sobre a socialização das crianças não necessariamente implicam em autodeterminação, tampouco em pensar que somos nós adultos que fazemos o processo para a criança, ou que ela o faça por uma condição natural.

Para Faria (1999) a incompletude, a precariedade e a ausência que foram atribuídos às crianças pequenas são, exatamente, o que diferencia e caracteriza a infância de outras categorias geracionais. Porque seus modos de se expressar são diferentes dos modos

próprios dos adultos, e porque não sabem fazer coisas que os adultos fazem, tornam-se portadoras de uma *cultura infantil*. Nestes termos, Kramer (1999) também apregoa que aceitar as crianças em suas formas próprias de expressão, socialização, com especificidades e diversidades é requisito fundamental da concepção de criança como produtora e reprodutora de culturas. Ainda segundo a autora, o processo pelo qual as pessoas se tornam individuais e singulares se dá, exatamente, neste reconhecimento do *Outro* e de suas diferenças numa experiência crítica de formação humana.

Com isto, esta pesquisa referencia que as crianças e as relações educativas são verdadeiramente transformadas quando os sujeitos delas participam, com oportunidade de atuar como seres históricos e possuidores de conhecimentos. Foi nesta direção que segui com as análises. Vejamos no excerto:

Chego no parque e vejo que tem um balanço diferente, um brinquedo que ainda não havia observado neste loca. Era um balanço na forma de avião, no qual as crianças podem sentar dentro e colocar os pés nos dois furos que ficam na parte inferior. Esse balanço foi trazido por uma professora de um outro grupo, que não se disponibilizou a colocar as crianças maiores no balanço. Porém, com os inúmeros pedidos das crianças do grupo V, ela disse para pedirem ao adulto C pegar outro balanço igual a esse que tem no berçário. As crianças saem correndo e vão em direção ao adulto A (sentado em uma cadeira no parque). Elas pedem para ele pegar o balanço. O adulto A diz para as crianças que ele é pequeno e somente os bebês podem usar, em seguida, sem mais conversa, pede que as crianças brinquem com outra coisa. As crianças se entreolham e dizem em coro: Queremos brincar! O adulto A não atende ao pedido e manda-as saírem dali. Quatro crianças (três meninas e um menino) sentam na área coberta do parque tagarelando muito. Uma das meninas em tom de voz alta comenta com a outra: Deixa quando a (adulto C) voltar do café ela vai pegar o balanço para a gente, tenho certeza, e aí a gente pode brincar muito. Após algum tempo o adulto C chega ao parque. Fico de olho e vejo que as quatro crianças vão correndo em sua direção e pedem para ela pegar o balanço. Sem saber qual é o balanço, pergunta para as crianças, e elas explicam que é um balanço de avião que está no berçário. Ela vai até o berçário, pede emprestado o balanço e brinca com as crianças durante um longo período naquela manhã. (Diário de Campo, 08/03/2004).

Nessa situação foi possível perceber ações de socialização ligadas ao que era permitido, ou não, ser realizado na creche, ou ainda, verificar que não só os adultos, as crianças também criam *estratégias de poder* (FERREIRA, 2002) para concretizar o que desejam para si, como mostram estas passagens: (...) *com os inúmeros pedidos das crianças; As crianças se entreolham e dizem em coro: - Queremos brincar; Deixa quando a (adulto C) voltar do café vai pegar o balanço para a gente, tenho certeza, aí a gente pode brincar muito (...)*. Fica evidente a capacidade de alguns profissionais (adulto C) em compreender e considerar as manifestações das crianças como solicitações que revelam

autonomia em relação às decisões tomadas por outros profissionais que não consideram o ponto de vista dos pequenos, conduzindo em minha opinião, as relações sociais com as crianças por uma lógica disciplinar de forma excessivamente padronizada, buscando, contudo, enquadrá-las em rituais cristalizados por um jeito de ser no qual prevalecia a rigidez, a uniformidade e a homogeneização, o que ocasionava certa *tensão* nas relações entre adultos e crianças.

Percebo a creche como um espaço sociocultural *estruturante e estruturado* pelas relações sociais. É um espaço com diferentes posições sociais, em muitas das quais estava implícita a divisão hierárquica entre os atores que conviviam no seu interior. Essa hierarquia, por sua vez, determinava diferentes relações de poder subjacentes aos processos de socialização e posições que foram sendo reconhecidas à medida que os atores foram manifestando certas percussões rituais em seus relacionamentos. As próprias crianças, por exemplo, expressavam reações diversas e mostravam comportamentos distintos nos relacionamentos com cada um dos adultos. Nos momentos de *tensão* era visível que, junto aos seus pares, muitas crianças procuravam *resistir, subverter ou transgredir* as determinações definidas pelos adultos que apresentavam posturas que desconsideravam seus contextos diários da vida social entre seus iguais. Vejo nessas atitudes uma ação que lhes permitia olhar para a realidade circundante com olhos transformadores, capazes de estabelecer suas próprias relevâncias nos processos sociais. Entendi que a transgressão das crianças representava uma busca de identidade e uma forma de contornar os ditames do poder instituído.

Nesse sentido, enfrentar a questão das *tensões* presentes nas relações entre adultos e crianças é fundamental para avançarmos em direção a uma concepção de socialização que integre esses dois atores sociais na creche, a tal ponto que as manifestações das crianças não sejam despercebidas e reduzidas, ou ainda, como define Plaisance (2004), que não sejam levadas a *processos de socialização invisível*.

A capacidade das crianças em reconduzir alguns dos processos de socialização levava-as a superar relações que algumas vezes eram travadas com muita rigidez, opacidade, distanciamento, dureza e contradição. Percebi que nesses momentos o que predominava era a persistência de algumas meninas e meninos, elas/es utilizavam muitos argumentos explícitos (e implícitos) para convencer os adultos a reverem suas posturas.

Pude observar uma situação ocorrida entre o adulto A e um menino em que este, ao ser impedido de comer suas bolachas, conseguiu criar um mecanismo de transgressão que lhe possibilitou continuar comendo-as, situação que acabou sensibilizando o adulto e convencendo-o a rever sua posição. E mais, mostrou que o menino, mesmo tendo poucas bolachas, conseguiu criar uma estratégia que lhe permitiu dividi-las com as outras crianças. Pode-se dizer que o referido adulto teve uma oportunidade de aprendizagem em relação à solidariedade e ao espírito de coletividade. Portanto, a transgressão e a subversão do menino sintetiza a possibilidade de mudança por ela provocada e de crítica à ordem instituída. Fiquei pensando em que outro final o menino poderia dar a essa história caso não transgredisse. Ou ainda, que final ela teria se o adulto não se rendesse á transgressão.

Como romper com essa lógica no contexto da creche?

Kramer (2003, p.105) afirma que, ao deixarmos de olhar para as crianças e de compartilhar com elas suas experiências, incorreremos no erro do “adultocentrismo”, olhando de cima para as crianças, e não na altura de seus olhos, ou seja, evitamos olhá-las nos olhos e deixamos de ver o mundo que se apresenta à sua altura. Na continuidade de suas reflexões, a autora assinala que aprender com as crianças pode ajudar a compreender o valor da imaginação, da arte, da dimensão lúdica, da poesia, de pensar adiante.

Nesse ponto é importante frisar que assim como não se quer *negar a condição das crianças poderem ser crianças* (FARIA, 1999), também não se pretende *negar a condição dos adultos na creche*, como responsáveis pela tarefa de conduzir o processo educativo, organizar as práticas pedagógicas que, no meu entender, devem apontar na direção da ampliação da experiência e dos conhecimentos das crianças em todas as dimensões: cognitivas, lúdicas, afetivas, expressivas e corporais, pois concordo que o desenvolvimento dessas dimensões é um direito social de todos. Incentivá-las ao convívio coletivo, à tolerância e ao respeito ao outro; valorizar o diálogo com os argumentos e propostas que apresentam. Não se trata, contudo, de acatar a idéia, equivocada no meu entender, de colocar a *criança no centro*, conforme defendem os partidários da *Pedagogia Nova*. Aqui, a posição é que adultos e crianças estejam no centro do processo educacional, travando relações que valorizem a humanidade que habita em todos nós.

O que pretendo acionar é a concretização de processos de socialização mais atentos às necessidades infantis de movimento, de ludicidade e de aprendizagem, valorizando todas as linguagens. Olhar principalmente para os relacionamentos das crianças considerando o que elas representam de alteridade. Em outros termos, entender que “eu só posso respeitar a alteridade do outro se eu reconheço essa alteridade como uma outra modalidade possível do humano. Mas ainda é necessário, reciprocamente, que eu reconheça a alteridade como sendo uma dimensão constitutiva de mim mesmo” (FORQUIN, 1993, p.141).

Dentre um sem-número de questões que emergem com base em minhas reflexões, algumas se destacam: – Como exercer o papel de adulto, assumir o tempo de adulto, sem infringir ou prejudicar as crianças nas suas expressões, nas suas manifestações, nas suas *vivências e experiências*? Como considerar a diversidade das crianças, o que fazem de diferente, seus diversos gostos, vontades e necessidades em um ambiente coletivo? Como pensar em processos de socialização abertos para o confronto e não para o conflito? O que é de fato próprio dos mundos e das formas de ser das crianças? Qual o lugar do divertimento, do enriquecimento do adulto, no contato com as crianças? Ou ainda tal e qual Silva Filho (2004, p. 129) pergunta: “Até onde os adultos podem levar em conta os desejos das próprias crianças, as manifestações sobre o que querem/gostariam de fazer? Qual o grau de imposição, de “assujeitamento” que consideramos aceitável nas relações adulto/criança?”

Cabe considerar que adultos e crianças utilizam-se de modos distintos para produzir cultura, por isso há uma *tensão* constante nessa relação entre o que é permitido pelos adultos e o que não é aceito pelas crianças, entre o que o adulto espera da criança e aquilo que ela realiza.

Diante disso, busco pontuar que as relações sociais na creche precisam contemplar os diferentes pontos de vista, sejam da criança, dos profissionais ou ainda das famílias que

estão inseridas no entorno da creche. Assim, construir mecanismos que respeitem os diversos interesses numa estratégia de confronto (por meio do diálogo e da negociação) entre os diferentes atores, parece o grande desafio posto ao tratar dos processos de socialização e da produção das culturas infantis.

Do meu ponto de vista, as relações sociais que os adultos estabeleciam com as crianças caracterizavam uma visão linear, funcional, finalista e contraditória no que se refere aos processos de socialização, pois colocavam as meninas e os meninos como dependentes quase exclusivamente de estímulos externos, com a finalidade de adaptar e adequar as crianças às situações ali vividas. Pode-se verificar que as relações sociais, neste caso, pendiam mais para os mecanismos de tensão entre ser assujeitado e ser sujeito. Silva Filho (2004, p.116) corrobora novamente com nossa análise ao afirmar que, a tensão esta diretamente ligada ao grau de imposição dos adultos sobre as crianças, ou, em outras palavras, mostra o quanto a atividade das crianças é dirigida [somente] pelos interesses dos adultos.

Portanto, é certo que precisamos estar atentos e de sobressalto quando se afirma a necessidade de meninas e meninos *viverem sua condição de criança* (FARIA, 1999), pois não queremos contemplar somente a produção cultural produzida por eles/as, resultando em um espontaneísmo talvez cômodo para os adultos. Isto causaria uma interpretação errônea, na qual a criança tomaria o centro dos processos sociais e o adulto ficaria como mero figurante/coadjuvante nas relações; o que pretendo ressaltar é que em um processo social e cultural em que ambos (adultos e crianças) são atores ativos, não poderemos dissociar a produção cultural produzida para a criança daquela produzida pela criança ou, como vimos, entre as crianças; o que deve haver é uma interdependência entre elas. Edmir Perroti (1990) caracteriza a dinâmica própria da infância pela sua relação com a cultura adulta. Para o autor, “pensamos na criança recebendo (ou não recebendo) cultura, e nunca na criança fazendo cultura ou, ainda, na criança recebendo e fazendo cultura ao mesmo tempo”. (Idem, p.18).

O que significa que levar as produções infantis em conta, pode constituir-se em um excelente indicador para melhorar a condução do trabalho pedagógico na creche. Construir tal compreensão requer que os/as professores/as “desenvolvam habilidades para escutar, não só falar, para aprender, não só ensinar, para prestar atenção ao que os sujeitos produzem, aprendem, como interagem, não só no que desejam os adultos, mas no desejo e na ação das crianças”. (TOMAZZETI, 2004, p.107).

Dessa forma, voltando à questão do título: – “O que não é permitido pode sofrer transgressão?”, podemos agora entender que as crianças também decidem, mesmo que seja por uma força ligada à *resistência, transgressão, subversão* ou *tensão* ao que os adultos lhes proporcionam. E isso faz surgir outros questionamentos: Até que ponto isto é positivo para o desenvolvimento da criança enquanto sujeito/ator ativo nos processos de socialização? Estariam as crianças sendo postas desde muito pequenas a um ambiente institucional de educação, no qual precisa transgredir para não alienar-se e apenas adaptar-se à sociedade vigente? Seria possível transformar as transgressões em algo positivo que levasse os adultos a repensar o que estão desenvolvendo com as crianças, sem afastar-se ou

excluir-se das produções culturais dos pequenos meninos e pequenas meninas?

Assim, caminhar à procura de trilhas por uma inteligibilidade da infância a partir do conhecimento das relações sociais que são travadas no contexto institucional, é perceber a creche como espaço de trocas, lugar de garantia e compromisso com a educação e as culturas da infância, respeitando todas as crianças de zero a seis anos, meninos e meninas, de todas as raças, credos e situações econômicas, que precisam desfrutar de uma infância alegre, lúdica, digna, com muitas oportunidades, expressões, cantos, movimentos, criatividade, crítica, ou seja, uma infância de diversas crianças, que estão em pleno convívio coletivo na creche.

Notas

¹ Está análise é parte integrante de minha pesquisa de mestrado em educação e infância, defendida em 2005 na Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC e está vinculada ao convênio com o Instituto de Estudo das Crianças da Universidade do Minho/Braga/Portugal.

Referências

- BAZÍLIO, Luiz Cavaliere e KRAMER, Sônia. *Infância, educação e direitos humanos*. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.
- CORSARO, William A. *The sociology of childhood*. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1997.
- DAUSTER, Tânia. Um outro olhar: entre a antropologia e a educação. *Cadernos CEDES*, ano XXIII, São Paulo, n.43, dez., 1997.
- DURKHEIM, Émile. *Sociologia, educação e moral*. Portugal: Rés-ediutora. LTDA, 1984.
- DUBAR, Claude. *A socialização: a construção das identidades sociais e profissionais*. Porto: Editora, Coleção Ciências da Educação, 1997.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart de e PALHARES, Marina Silveira (Orgs.) *Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios*. 3a.ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1999, p.67-97.
- FERREIRA, Maria Manuela Martinho. *A gente aqui o que gosta mais é de brincar com os outros meninos: as crianças como actores sociais e a (re)organização social do grupo de pares no quotidiano de um Jardim de Infância*. Porto, 2002. Dissertação (Doutoramento em Ciências da Educação). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- _____. Do “avesso” do brincar ou... as relações entre pares, as rotinas da cultura infantil e a construção da(s) ordem(ens) social(ais) instituintes(s) das crianças no jardim-de-infância. In: SARMENTO, Manuel Jacinto & CERISARA, Ana Beatriz. *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Edições ASA, 2004.
- FORQUIN, Jean-Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. São Paulo: Guanabara Koogan, 1989.
- GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. São Paulo, v.26, n.1, p.99-117, jan/jun. 2000.
- JAMES, Allison e PROUT, Alan. Hierarquia, fronteira e agência: para uma perspectiva teórica sobre a

- infância. In: FERREIRA, Manuela e SARMENTO, M. J. (Orgs.). *Antropologia de textos em sociologia da infância*, Porto: ASA, 2004.
- KRAMER, Sônia (org.) *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1999. p. 07-10.
- MARTINS FILHO, Altino José (Org.). *Criança pede respeito: temas em educação infantil*. Porto Alegre: Mediação, 2005, 160p.
- MARTINS FILHO, Altino José et al. *Infância Plural: crianças do nosso tempo*. Porto Alegre: Mediação, 2006, 120p.
- PERROTI, Edmir. A Criança e a produção cultural. In: ZILBERMAM, Regina (Org.) *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p.9-27.
- PLAISANCE, Eric. Socialização: modelo de inclusão ou modelo de interação? *Percursos: revista do Centro de Ciências da Educação*. Universidade do Estado de Santa Catarina. FAED. v.1, n.1. Florianópolis: Editora, outubro 2000.
- _____. Para uma sociologia da pequena infância. *Cadernos do CEDES*, São Paulo, n.86, v.25, p.220-241, 2004.
- QUINTEIRO, Jucirema. Infância e educação no Brasil: um campo de estudo em construção. In: FARIAS, A. L. G. de et al. (orgs.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. São Paulo: Autores Associados, 2002, p.19-47.
- ROCHA, Eloisa A. Candal. *A pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma Pedagogia da Educação Infantil*. Florianópolis, Centro de Ciências da Educação, Núcleo de Publicações, 1999. 290p.
- SARMENTO, Manuel Jacinto e PINTO, Manuel. As crianças e a Infância: definindo conceitos delimitando o campo. In: PINTO, Manuel e SARMENTO, Manuel J. (coords.) *As crianças: contextos e identidades*. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança, 1997.
- _____. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, Manuel Jacinto e CERISARA, Ana Beatriz. *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto : Edições ASA, 2004.
- SILVA FILHO, João Josué da. Educação infantil e informática: entre as contradições do moderno e do contemporâneo. In: SARMENTO, Manuel Jacinto e CERISARA, Ana Beatriz. *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto : Edições ASA, 2004.
- TOMAZZETTI, Cleonice Maria. *Pedagogia e infância na perspectiva intercultural: implicações para a formação de professores*. Florianópolis/SC (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, 2004.

Correspondência

Altino José Martins Filho, membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação da Pequena Infância – NUPEI/UFSC e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância, Educação e Escola – GEPIEE/UFSC.

E-mail: altinojm@ig.com.br

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização dos autores.
